

Bom-senso e cautela prevalecem nos primeiros contactos

N. 17/5/84

por Jorge Costa

Ambiente de intensa actividade tem rodeado a presença, na nossa capital, de um grupo de 16 empresários sul-africanos interessados em investir em Moçambique. Estes homens de negócios, que chegaram há dois dias e regressam hoje ao seu País, representam empresas ou grupos de empresas dos mais fortes estabelecidos na África do Sul e têm mantido contactos com empresas moçambicanas estatais, mistas e privadas. De uma forma geral, tem sido com um optimismo cauteloso que estão a ser vistos, de ambos os lados, estes contactos que, tanto moçambicanos como sul-africanos reconhecem como primeiro passo para o início de uma relação comercial que interesse a ambos e traga benefícios comuns.

Ontem, logo de manhã, os empresários sul-africanos começaram os seus contactos pelo Banco de Moçambique, tendo sido recebidos por Paulo Garcão, Director das Relações Internacionais daquela instituição de crédito. Ele explicou-lhes o fundamental dos nossos princípios económicos, tendo ao mesmo tempo referido o interesse do Governo pela criação, em certas áreas, de sociedades mistas entre o capital moçambicano e estrangeiro, numa base de reciprocidade de benefícios. Paulo Garcão indicou a intenção do nosso Governo de dar resposta à preocupação do capital externo, na criação para muito breve de um código de investimentos que possa garantir a segurança e tranquilidade do dinheiro externo que aqui venha a ser capitalizado.

Naturalmente, os homens de negócios visitantes não deixaram de colocar várias questões que identificaram claramente o seu interesse em expandir as suas empresas a este lado da fronteira, tendo parecido bastante satisfeitos com as respostas obtidas.

Em seguida, o chefe da delegação visitante, W. B. Holtes, foi recebido, em privado, durante alguns minutos, pelo Governador do Banco de Moçambique, Prakash Ratilal que, em seguida, reuniu com todos os outros elementos da delegação.

— Falar é a melhor maneira de começarmos a trabalhar. Devemos considerar isto como o primeiro passo para iniciar uma relação de interesse comum — disse aquele responsável do Governo aos visitantes. Prakash Ratilal, em resposta a uma intervenção de um dos empresários sul-africanos, historiou um pouco a nossa actual fraca situação económica, tendo lembrado que ela é fruto essencialmente da pesada herança colonial que não só não deixou estruturas económicas como instituiu o analfabetismo, que hoje é óbice muito forte ao desenvolvimento.

REUNIÕES SECTORIAIS

Depois destes encontros no Banco de Moçambique, os homens de negócios sul-africanos dividiram-se em

grupos, segundo as especialidades de sector que representam, e mantiveram contactos mais estreitos com os seus parceiros correspondentes de Moçambique.

Tivemos, por exemplo, oportunidade de assistir ao encontro que o Director Nacional de Turismo, George Welch e Campos Vieira, Director Comercial das LAM mantiveram com os representantes da South Africa Airways e do seu departamento de turismo e onde foi discutida a possibilidade de se iniciar um movimento de sul-africanos, ao nível do turismo.

Se ao nível das companhias aéreas a questão de transporte não coloca problemas de parte a parte, já no que respeita às instalações hoteleiras tudo

Estado das Pescas, CETA, Entrepósito Comercial, Empresa Metalúrgica de Moçambique, Electricidade de Moçambique, CIFEL e CARBOMOC.

INTERESSE DO CAPITAL EM INVESTIR EM MOÇAMBIQUE

As razões que conduzem este primeiro grupo de grandes investidores sul-africanos ao nosso País, não são nem inesperadas nem desconhecidas. A África do Sul, até agora, tem estado muito limitada, apesar da sua tecnologia avançada, a um território que cada vez mais nos últimos anos, encontra menos interlocutores. A luta do povo sul-africano tem conduzido a alterações que, se não de banda

acuse os lucros altos que conhecia ainda não há muitos anos.

Conforme nos disse ontem Peter Malherbe, director da Cullinan Electrical, empresa sul-africana produtora de material eléctrica, em Moçambique há estabilidade, a mão-de-obra é garantida e de boa qualidade. E deste último aspecto temos nós a certeza que nos proporcionou, desde há muitos anos, termos moçambicanos a trabalhar nas nossas empresas, com dedicação e todo o interesse.

Isto quer dizer que sociedades de interesse mútuo poderão trabalhar e desenvolver-se aqui, principalmente porque o investimento beneficia da existência de condições físicas e potenciais de se trabalhar em pleno, sendo necessário apenas desenvolver-las.

Finalmente, este contacto com a nossa realidade, com a maneira de ser e pensar moçambicanos, pode e deve conduzir a uma mudança da mentalidade e comportamento no País geograficamente perto do nosso, o que significará também que, esperamos seja muito breve, os dois países, embora com ideologias completamente distintas, poderão coexistir e prosperar, no interesse de ambos.

ÚLTIMO DIA DA VISITA

Hoje, último dia da visita, os empresários sul-africanos estarão, logo de manhã, na MABOR de Moçambique, após o que serão recebidos pelo Ministro do Plano do nosso País, em encontro que decorrerá na Câmara de Comércio de Moçambique. Depois logo ao princípio da tarde, verificar-se-á uma reunião de balanço dos trabalhos efectuados durante estes três dias e, antes da sua partida, eles estarão à disposição da Informação, já no aeroporto, para uma conferência de Imprensa.

Entretanto, obtivemos também informação de que a SAFTO (South Africa Foreign Trade Organization) o equivalente sul-africano à nossa Câmara de Comércio, está a preparar a deslocação, para muito breve, de empresários moçambicanos àquele País, como forma de reactivar os contactos agora iniciados.

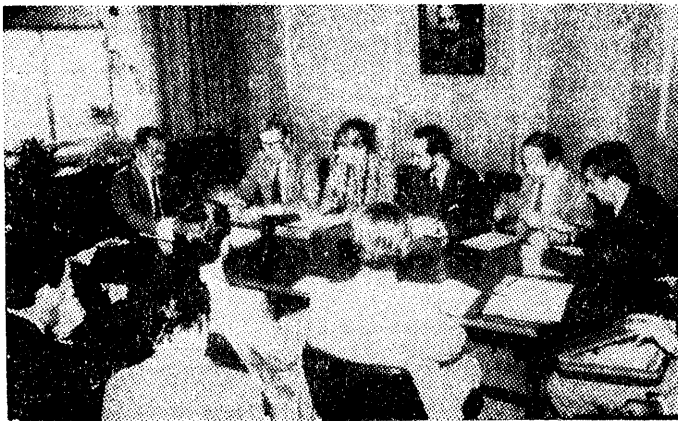


Imagem colhida ontem no Banco de Moçambique, quando o Director das Relações Internacionais do BM, Paulo Garcão, recebia a delegação de empresários sul-africanos. (Foto de A. Murato)

terá que ser analisado com mais vagar e calma. Conforme disse George Welch, é necessário agir com cautela, iniciando qualquer intercâmbio com a certeza de que não haverá falhas e, para isso, há que definir zonas preferenciais que, para já, poderão ser as praias da Ponta do Ouro, Ponta Malongana, Inhaca e Ilhas do Bazaruto.

Na mesma altura, registavam-se encontros bilaterais na Secretaria de

tem sido significativas, e nos últimos tempos, a exploração da mão-de-obra já não é tão rentável como o foi durante muito tempo. A criação dos banhistões, condenada pela comunidade internacional, não foi de forma nenhuma, a alternativa que o capital naquele país desejava. As crescentes pressões internacionais e uma cada vez maior tomada de consciência do operariado nacional levam a que hoje, o investimento na África do Sul não